

METÁFORAS MULTIMODAIS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO GÊNERO CHARGE: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE

Silvana Maria Calixto de Lima*, Marcos Helam Alves da Silva**

RESUMO

A obra *Metaphor we live by*, lançada em 1980 por Lakoff e Johnson, erige os fundamentos para uma abordagem sistematicamente cognitiva da metáfora, a conhecida Teoria da Metáfora Conceitual, modelo que passa a servir de lastro para uma significativa produção em torno dessa temática no âmbito da Linguística Cognitiva. Tal produção inicialmente gira em torno da investigação da ocorrência de metáforas conceituais na linguagem do cotidiano, com o respaldo da proposição dos referidos autores de que o sistema conceitual humano é de natureza fundamentalmente metafórica. Isso significa que a metáfora faz parte da linguagem do cotidiano e não apenas da linguagem poética, como preconiza a teoria clássica da metáfora. Apesar desse avanço, é fato que boa parte desses estudos trata da investigação de metáforas conceituais monomodais, aquelas em que o domínio-fonte e o domínio-alvo ocorrem apenas em um modo semiótico. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo investigar um novo tipo de ocorrência metafórica, as metáforas multimodais, com base em Forceville (2007; 2009). Para esse autor, a metáfora multimodal é aquela em que o domínio-alvo e o domínio-fonte são constituídos exclusivamente ou predominantemente por diferentes modos semióticos. Para o cumprimento do objetivo delineado para este estudo, constituímos um corpus formado por cinco exemplares do gênero charge que versam sobre as temáticas política e justiça na sociedade brasileira. Os resultados da análise são sugestivos para que se compreenda como a integração de diferentes modos semióticos, particularmente o verbal e o imagético, atua na construção de metáforas multimodais. Ressaltamos que a compreensão do processamento dessas metáforas é um fator decisivo para a construção dos sentidos das charges analisadas. Ademais, fica validada a proposição de Forceville (2007) de que a metáfora conceitual não ocorre exclusivamente através do modo semiótico verbal, mas também na inter-relação entre diferentes modos como o verbal e o imagético.

Palavras-chave: Metáfora multimodal, charge, construção de sentidos.

* Professora Doutora em Linguística da Universidade Estadual do Piauí, do Mestrado Profissional em Letras (UESPI) e do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí. (scalixto2003@yahoo.com.br)

** Mestrando em Letras (Área de Concentração: Estudos da Linguagem) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – CAPES. (marcohelam_sfp@hotmail.com)

ABSTRACT

*The book *Metaphor we live by*, launched in 1980 by Lakoff and Johnson, puts up the foundations for a cognitive systematic approach of the metaphor, known as *Theory of Conceptual Metaphor*, model that serves as ballast for a significant production around that theme within the *Cognitive Linguistics*. This production initially revolves around the conceptual metaphors occurrence investigation in everyday language, with the support of cited authors proposition that the human conceptual system is fundamentally metaphorical in nature. This means that the metaphor is part of everyday language and not only of poetic language, as recommended by the classical theory of metaphor. Despite this progress, the fact is that many of these studies treat the monomodal conceptual metaphors investigation, those in which the source domain and the target domain occur only in a semiotic way. In this context, this article aims to investigate a new type of metaphorical occurrence, multimodal metaphors, based on Forceville (2007; 2009). To this author, the multimodal metaphor is one in which the target domain and the source domain are composed exclusively or predominantly by different semiotic modes. For fulfilling the outlined goal for this study, we set up a corpus made up of five charges that deal with the political and justice thematic in Brazilian society. The analysis results are suggestive for understanding how the integration of different semiotic modes, particularly the verbal one and the imagetic one, acts in the construction of multimodal metaphors. We emphasize that understanding the processing of these metaphors is a decisive factor for the construction of the analyzed charges meanings. Moreover, we find the validation of the Forceville's (2007) proposition that says the conceptual metaphor does not occur exclusively through verbal semiotic mode, but also in the inter-relationship between different modes such as the verbal one and the imagetic one.*

Keywords: *Multimodal metaphor, charge, meanings construction.*

INTRODUÇÃO

O lançamento do estudo precursor de Lakoff e Johnson, no início da década de 1980, intitulado *Metaphor We Live By*, erigiu as bases da hoje conhecida Teoria da Metáfora Conceitual, contrapondo o ponto de vista tradicional do estudo da metáfora de que esta seria apenas uma simples figura de linguagem ou um recurso peculiar da feitura poética.

Os referidos autores argumentam que “nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3). Assim sendo, a ocorrência de expressões linguísticas metafóricas somente é possível em razão da existência de metáforas no sistema conceitual humano. A metáfora passa a ser concebida, então, como um fenômeno cognitivo constitutivo da linguagem e do pensamento e orientador de nossos pensamentos e ações. Como explica Berber Sardinha (2007, p. 30), “vivemos de acordo com metáforas que existem em nossa cultura; praticamente não temos escolha; se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo etc., precisamos obedecer (‘live by’) às metáforas que nossa cultura nos coloca à disposição”.

Com Lakoff e Johnson (1980), portanto, intensificaram-se os trabalhos cujo propósito é investigar a ocorrência de metáforas conceituais na linguagem cotidiana. Ocorre que, como adverte Forceville (2007), a grande maioria desses estudos limita-se a descrever e explicar o fenômeno utilizando-se de textos monomodais, exclusivamente verbais. A partir dessa constatação, o referido pesquisador delinea uma proposta de estudo, com base em Lakoff e Johnson (1980), que objetiva abarcar também a ocorrência de metáforas não verbais ou multimodais. Para a proposta de Forceville (2007), a metáfora multimodal é aquela em que domínio-alvo e domínio-fonte são constituídos exclusivamente ou predominantemente por diferentes modos semióticos.

Com base nos fundamentos da proposta de Forceville (2007, 2009), elegemos, neste estudo, o trabalho com ocorrências de metáforas multimodais presentes no gênero charge. Analisaremos um *corpus* constituído por cinco exemplares de charges que satirizam e criticam temas relacionados à política, mais especificamente a disputa presidencial de 2014 e os escândalos que envolvem o Congresso Nacional, além de charges que tematizam a corrupção na justiça brasileira. Objetivamos identificar e descrever essas ocorrências de metáforas multimodais, tendo em vista deslindar o seu papel na construção de sentidos dos textos constituintes do *corpus* de investigação.

Na primeira parte do artigo, apresentamos as bases da Teoria da Metáfora Conceitual, modelo de grande projeção e norteador deste estudo, a partir de Lakoff e Johnson (1980) e das releituras de seus postulados realizadas por Costa Lima (2003), Costa Lima, Feltes e Macêdo (2008), Berber Sardinha (2007), além da proposta da Metáfora Multimodal de Forceville (2007, 2009), estudada no Brasil por pesquisadores como Sperandio (2012). A segunda parte é constituída pela análise dos exemplares de charges constituintes do *corpus*. Por último, tecemos algumas considerações a partir dos resultados do exercício de análise empreendido.

1 A TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

Por volta do final da década de 70 e início dos anos 80, Lakoff e Johnson lançam a obra *Metaphors we live by*, a qual tem grande repercussão para os estudos contemporâneos da metáfora. Nessa obra, questionando a visão tradicional da metáfora como uma figura de linguagem, os autores demarcam as linhas gerais da Teoria da Metáfora Conceitual (doravante TMC). A assertiva fundamental dessa nova proposta é a de que o sistema conceitual humano é metafóricamente estruturado, ou seja, a metáfora é concebida como integrante da nossa vida cotidiana e não apenas como uma simples figura de linguagem própria da feitura poética. Na proposição dos referidos pesquisadores, a metáfora é primeiramente um fenômeno cognitivo, somente depois, dada a nossa necessidade de manifestação linguística, ela passa a ser uma questão ligada a palavras. Lakoff e Johnson (1980, p. 3) afirmam que:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora.

Costa Lima (2003), com base nos estudos de Lakoff e Johnson (1980) e colaboradores, afirma que a linguagem cotidiana perpassada por metáforas faz emergir uma nova visão do que é a mente e como se dá o processamento da linguagem. Na visão da autora, “a metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um mero ornamento do discurso” (COSTA LIMA, 2003, p. 156).

Segundo Lakoff e Johnson (1980), pelo fato de as metáforas comporem nosso sistema conceitual, o ser humano representa através de expressões metafóricas inúmeros conceitos de forma automática, a partir da interação diária e de forma inconsciente, o que nos faz ter a falsa impressão de que podemos conviver sem usar expressões metafóricas para externar o que sentimos.

Para esta teoria, os autores adotam uma visão experientialista da cognição, defendendo que os conceitos emergem a partir da interação do homem com o meio em que habita e não a partir das propriedades da própria coisa. Nessa perspectiva, a metáfora linguística só se torna possível por estar infiltrada no sistema conceitual e ser gerada com base nas experiências corpóreas em íntima relação com o ambiente físico e cultural, sintonizada com a compreensão e o entendimento do próprio agir e pensar do homem (COSTA LIMA, 2003).

Costa Lima, Feltes e Macêdo (2008, p. 128) explicam que a metáfora conceitual é um fenômeno cognitivo “experientialmente orientado”, responsável pela estruturação de domínios conceituais os mais diversos.

Uma metáfora conceitual é, portanto, uma construção cognitiva, baseada nas experiências socioculturais vividas; são modo de construção de conhecimento na forma de um mapeamento entre domínios de conhecimento, em geral orientado por relações analógicas motivadas por propósitos e interesses, por determinadas situações e suas demandas (COSTA LIMA; FELTES; MACÊDO, 2008, p. 129-130).

Sumariamente, Lakoff e Johnson (1980, p. 5) afirmam que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Assim, a metáfora consiste num mapeamento sistemático entre dois domínios conceituais: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O primeiro (mais físico) é a fonte das inferências, o segundo (mais abstrato) é onde as inferências se aplicam.

A título de ilustração, temos a metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM, que licencia expressões metafóricas, a exemplo de: *Estamos numa encruzilhada* e *Esta relação está afundando* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 44-45). Tal conceptualização somente torna-se possível porque o conhecimento que temos armazenado em nosso aparato cognitivo sobre o domínio VIAGEM (evento mais físico) serve para entendermos o outro domínio conceitual AMOR (mais abstrato), visto que quando se ama é comum utilizar-se das experiências “cotidianas com viagens para conceptualizar o amor em termos de trajetória, partida, despedida e chegada” (FERREIRA, 2008, p. 266).

Especificamente no caso da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, Lakoff (1993) explica que é possível estabelecer correspondências entre os domínios AMOR e VIAGEM, como: OS AMANTES CORRESPONDEM AOS VIAJANTES, O RELACIONAMENTO AMOROSO CORRESPONDE A UM VEÍCULO e AS DIFICULDADES NO RELACIONAMENTO CORRESPONDEM AOS IMPEDIMENTOS NA VIAGEM.

Feita essa breve apresentação da TMC, esclarecemos, por oportuno, que esse modelo tem passado por refinamentos promovidos por Lakoff e colaboradores, nos quais não nos deteremos neste estudo. Fixaremos a nossa atenção unicamente na contribuição de Forceville (2007, 2009), apresentada na sequência.

1.1 A PROPOSTA DAS METÁFORAS MULTIMODAIS DE FORCEVILLE

A partir do entendimento de que a abordagem da metáfora conceitual não deve ficar restrita à linguagem verbal, Forceville (2007) busca, na TMC, as bases para o desenvolvimento de sua proposta de estudo: a metáfora multimodal. Nesse contexto, o referido autor inicia a sua reflexão apontando para a evidência de que há uma limitação em boa parte das pesquisas feitas sob o lastro da TMC, no que concerne à exclusividade da linguagem verbal e a pouca atenção dada às possíveis manifestações não verbais da metáfora conceitual. De fato, a totalidade dos exemplos elencados na obra precursora de Lakoff e Johnson (1980) é apresentada na modalidade verbal. Notadamente, não se pode deixar de lado o contexto da época em que, embora já existisse uma considerável produção de textos multimodais, a questão ainda não tinha ganhado tanto relevo no cenário das pesquisas acadêmicas.

Não obstante, de acordo com Forceville (2007), essa realidade começa a mudar gradativamente com o surgimento de pesquisas que tratam da metáfora visual. Em sua teorização, o autor defende que as metáforas não-verbais são, em sua maioria, metáforas multimodais, uma vez que quase sempre envolvem dois modos semióticos. Assim sendo, ele define a metáfora multimodal como “uma metáfora cujo alvo e fonte não são, exclusivamente ou não, constituídos pelo mesmo modo” (FORCEVILLE, 2009, p. 16).

Em Forceville (2009, p. 22), encontramos a definição de modo como “um sistema de signo interpretável por causa de um processo específico de percepção”. Para o autor, esses modos estão necessariamente relacionados aos cinco sentidos, de forma que é possível esboçar a seguinte configuração: i) modo pictorial ou visual; ii) modo sonoro; iii) modo olfativo; iii) modo gustativo e iv) modo tátil. Assim sendo, o referido teórico, admitindo a complexidade de compilar uma lista exaustiva de modos, postula a existência de diferentes modos incluindo os que seguem: 1) signo pictórico; 2) signo escrito; 3) signo falado; 4) gestos; 5) sons; 6) música; 7) cheiro; 8) gosto e 9) toque.

A partir do entendimento da concepção de modo em Forceville (2009), é pertinente dizer também o que para o autor é a metáfora monomodal. De forma simplificada, ele define que esse tipo de metáfora é caracterizado por possuir o domínio-fonte e o domínio-alvo constituídos exclusivamente ou predominantemente por apenas um modo semiótico, como é possível constatar no fragmento do poema seguinte:

(1) [...]
Meu Deus, meu Deus
Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo

No norte e no Sul

Ai, ai, ai, ai

Fonte: (PORTELLA, Cláudio. *Patativa do Assaré*: seleção. Global Editora, 2006, p. 223-229).

No exemplo (1), identificamos a ocorrência da metáfora conceitual A VIDA É UMA ESCRAVIDÃO, cujos domínios fonte (ES CRAVIDÃO) e alvo (VIDA) são constituídos por apenas um modo semiótico, ou seja, o modo verbal, mais especificamente o signo escrito. Forceville (2009) destaca que ocorrências como a do exemplo anterior, em que fonte e alvo são constituídos por apenas um modo, o verbal, representam o modelo mais prototípico da metáfora monomodal.

Passemos, então, ao exame das metáforas multimodais identificadas no *corpus* de investigação constituído para este estudo.

2 METÁFORAS MULTIMODAIS NAS CHARGES

Antes de iniciar a análise do *corpus* que constitui este trabalho, é necessário definir, mesmo que sumariamente, o gênero textual charge. De acordo com Nascimento (2010, p. 2), a charge constitui-se como um “texto acessível à sociedade” que trata dos mais diversos assuntos de forma crítica e humorística.

De forma mais detalhada, Flôres (2002) apresenta a seguinte definição de charge:

A charge é um texto usualmente publicado em jornais sendo via de regra constituída por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizadores de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível ler uma charge e compreendê-la, sem considerar os dois códigos complementarmente, associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado - aquele e não outro qualquer (FLÔRES, 2002, p. 14).

Como se pode perceber a partir de Nascimento (2010) e Flôres (2002), a charge é um exemplo de texto do cotidiano que trata, de forma aparentemente simples e ao mesmo tempo carregada de ironia, humor e sarcasmo, de temas relacionados a situações vivenciadas por grupos sociais no cotidiano. Desse modo, nada mais previsível do que a ocorrência de metáforas conceituais na constituição desse gênero. Muito embora a charge esteja impregnada das intenções do seu autor e de sua ideologia, pode-se constatar, a partir dos exemplos analisados na sequência, que as metáforas conceituais identificadas revelam também aspectos conceituais, culturais e sociais.

O primeiro exemplar do *corpus* tematiza o segundo turno das eleições presidenciais de 2014, disputado entre os candidatos Aécio Neves e Dilma Rousseff.



Charge 1

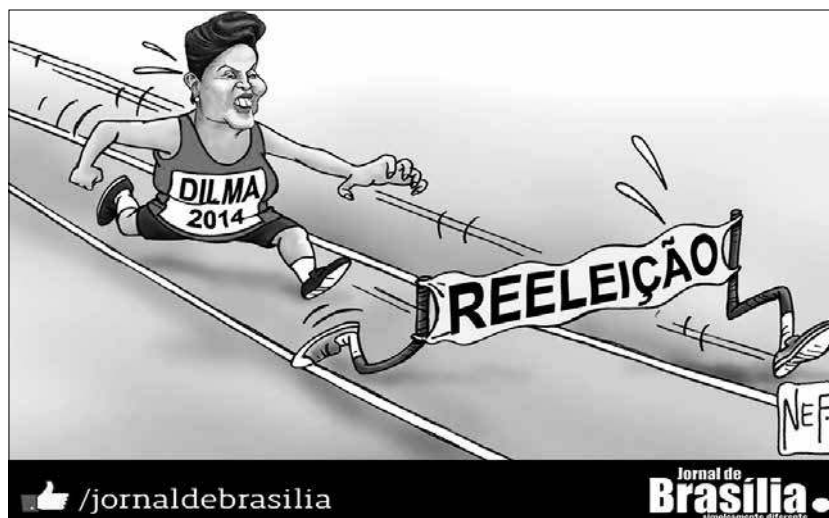
Fonte: (Disponível em: <http://www.moralpolitica.com.br/2014/10/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>. Acesso em 29 nov 2014).

Nesse primeiro exemplar, destacamos, em primeiro plano, a imagem dos candidatos a presidente habilitados a concorrer ao segundo turno das eleições de 2014, Aécio Neves e Dilma Rousseff, ambos correndo em uma pista de atletismo. Conjugadas às imagens, temos as seguintes porções verbais: “Reta Final” e “Chegada”. A partir da integração entre os modos (a) verbal e (b) imagético, podemos inferir a ocorrência da metáfora conceitual ELEIÇÃO (PRESIDENCIAL) É UMA CORRIDA, que pode ser dita também como derivada da metáfora ELEIÇÃO É UMA COMPETIÇÃO.

Nessa conceptualização metafórica, temos como domínio-fonte, CORRIDA, e como domínio-alvo, ELEIÇÃO (PRESIDENCIAL). O domínio-fonte é construído, principalmente, a partir do modo verbal instanciado pelas expressões “Reta-Final” e “Chegada”, mas também a configuração imagética da pista de atletismo e dos candidatos correndo precisa ser integrada ao modo verbal nesse processo. Por sua vez, o domínio-alvo é constituído pela representação imagética (caricatural) dos candidatos a presidente do Brasil, Aécio Neves e Dilma Rousseff. Observa-se, portanto, a presença dos modos verbal e imagético na construção dessa metáfora, o que lhe confere, nesse caso, o estatuto de uma metáfora multimodal, conforme Forceville (2007, 2009).

É pertinente dizer que tal conceptualização metafórica é muito comum quando se trata do domínio-alvo ELEIÇÃO, configurando-se como uma marca cultural e recorrente para trazer a posição ou a preferência pelos candidatos. Na construção dos sentidos da charge, licenciada pela metáfora ELEIÇÃO (PRESIDENCIAL) É UMA CORRIDA, note-se também que tal modalidade esportiva exige muito preparo físico, não se constituindo como uma atividade de fácil realização, assim como a política que exige do candidato, nesse caso os presidentiáveis de 2014, bastante “fôlego”, poder de articulação, além do preparo físico. Um olhar mais atento da imagem do candidato Aécio Neves puxando a roupa da candidata Dilma Rousseff para que ela não avance no páreo pode nos permitir também a construção da inferência de que, na disputa eleitoral, os candidatos são capazes de qualquer artimanha para conseguir os seus propósitos.

A segunda charge que compõe nosso *corpus* de investigação também é oriunda da temática das eleições presidenciais do ano de 2014. Na construção de seus sentidos, identificamos a seguinte conceptualização metafórica: A REELEIÇÃO É UMA CORRIDA (MARATONA).



Charge 2

Fonte: (Disponível em: <http://www.jornaldebrasil.com.br/noticias/politica/539731/disputa-para-reeleicao-de-dilma-e-tema-da-charge-desta-segunda-feira/>. Acesso em 29 nov 2014)

A referida metáfora, presente na Charge 2, também apresenta uma configuração multimodal. Nesta, temos o domínio-alvo, REELEIÇÃO, constituído a partir dos elementos verbais “Reeleição” e “Dilma 2014”, presentes, respectivamente, na faixa de chegada e na placa de identificação do corredor/maratonista, neste caso a candidata Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores – PT, que buscou em 2014 a sua reeleição ao posto de Presidente da República. O domínio-fonte, CORRIDA (MARATONA), tem em sua configuração o modo semiótico imagético, representado pela presença da caricatura da candidata Dilma Rousseff como uma maratonista e pela imagem da pista de corrida.

Como no exemplo anterior, pode-se perceber que a metáfora em questão faz referência direta ao momento vivenciado na disputa pela faixa presidencial do ano de 2014. A reeleição da Presidente da República – Dilma Rousseff – não foi tão fácil. Apesar de ter maioria nas intenções de voto, tratava-se de uma maioria mínima, além dos ataques, denúncias e fragilidades de seu governo que vieram à tona no período eleitoral e que tornaram a “corrida/maratona” por sua reeleição bastante trabalhosa, exigindo dela um maior preparo físico e poder de articulação. A dificuldade passada pela candidata do PT foi muito bem retratada na charge em questão, em que a própria faixa corre e dificulta a chegada da candidata à reeleição. Além disso, a imagem da mão da candidata como uma garra e a expressão voraz de seu rosto são evidências claras de que a sua luta foi árdua.

A Charge 3 também versa sobre as eleições presidenciais de 2014, porém focalizando a disputa entre as candidatas Dilma Rousseff e Marina Silva, ainda no primeiro turno.

Na Charge 3, temos a imagem das candidatas em conjunto com a expressão verbal “Queda de Braços” e ainda a porcentagem das intenções de voto de cada uma: 37% para a candidata Dilma Rousseff e 33% para a candidata Marina Silva. Da integração entre os modos verbal e imagético, podemos identificar a metáfora multimodal ELEIÇÃO É UMA QUEDA DE BRAÇOS, a qual também pode ser vista como derivada da metáfora conceitual ELEIÇÃO É

UMA COMPETIÇÃO. Nesse exemplo, o domínio QUEDA DE BRAÇOS é utilizado para a compreensão do domínio ELEIÇÃO, mais especificamente a disputa pela Presidência do Brasil pelas candidatas Dilma e Marina Silva.



Charge 3

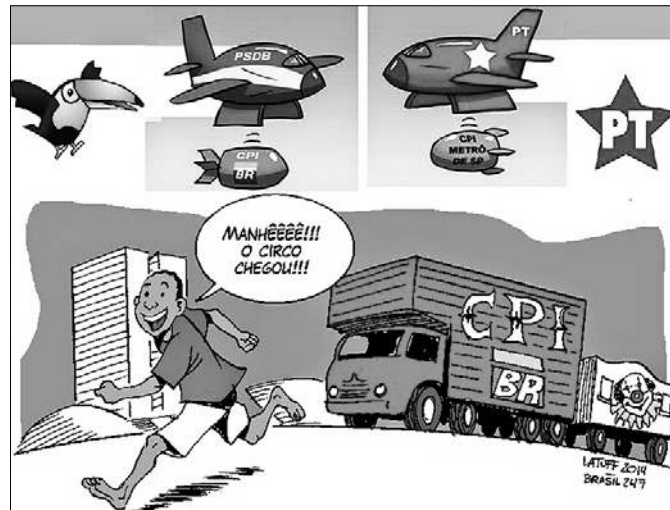
Fonte: (Disponível em: <http://humorpolitico.r7.com/sem-categoria/queda-de-bracos/>. Acesso em 29 nov 2014)

O domínio-fonte, QUEDA DE BRAÇOS, é inferido principalmente pela expressão verbal “Queda de Braços” e o domínio-alvo, ELEIÇÃO, é construído pela imagem caricatural das candidatas do PT e do PSB. A queda/luta de braços é uma modalidade esportiva de muita resistência física e de bastante dificuldade de realização. A “luta” pela presidência da república entre as candidatas Dilma e Marina, assim como a queda de braços, não foi fácil. Em diversos momentos da campanha, Marina aparecia como favorita e chegou a ter índices de intenção de votos bem próximos ao da candidata à reeleição pelo PT. A partir dessas dificuldades na eleição, a emergência dessa metáfora conceitual se justifica na construção dos sentidos da charge. Novamente, temos dois modos semióticos, o verbal e o não verbal, envolvidos na construção de mais uma metáfora multimodal.

A próxima charge também apresenta temática relacionada à política, porém agora focalizando os escândalos dos últimos governos do Brasil.

Nessa charge 4, temos, em primeiro plano, a imagem do Congresso Nacional, juntamente com a imagem de um caminhão e de um garoto gritando: “Manhêêê! O circo chegou”. O caminhão, que carrega um reboque com a figura de um palhaço, vem identificado pela sigla CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) e pela logomarca da Petrobras, além de ter como predominante a cor vermelha, numa clara alusão ao Partido dos Trabalhadores – PT. Completando essa cena, temos, no plano superior da charge, as imagens de dois aviões identificados pelas cores e siglas do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, e do Partido dos Trabalhadores – PT, respectivamente. As imagens do tucano e da estrela vermelha do PT também complementam

essa cena, bem como as imagens dos mísseis disparados pelos aviões representantes de cada um dos partidos citados. Deve ser dado destaque também à identificação dos mísseis por meio do modo verbal, fazendo referência aos escândalos atribuídos aos partidos, a CPI do Metrô de São Paulo e a CPI da Petrobras, fatos muito explorados por ambos os partidos nas eleições presidenciais de 2014.



Charge 4

Fonte: (Disponível em: <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/cpi-da-petrobras/>. Acesso em em 29 nov 2014)

No enquadre descrito, da relação entre os modos verbal e imagético, podemos identificar inicialmente a ocorrência da metáfora multimodal A POLÍTICA BRASILEIRA É UM CIRCO. Na construção dessa metáfora, o domínio-fonte se dá pela materialização verbal da expressão “Manhêêê! O circo chegou”, e o domínio-alvo é representado pela imagem do Congresso Nacional e dos símbolos dos partidos políticos. Esta conceptualização metafórica em que elementos do domínio CIRCO são mapeados para o domínio da POLÍTICA é bastante recorrente em decorrência dos diversos escândalos e casos de corrupção presentes no cenário político brasileiro, sendo muito presente em gêneros que se propõem a criticar e ironizar este cenário utilizando-se dos diferentes modos, nesse caso, o verbal e o imagético, como a charge. Uma outra metáfora multimodal importante na construção dos sentidos da Charge 4 é a metáfora POLÍTICA É GUERRA, muito bem representada pelo bombardeio dos partidos entre si, em razão dos escândalos já referidos.

Na sequência, o último exemplar analisado satiriza e critica a justiça brasileira.

Na constituição da charge 5, temos as imagens do símbolo da Justiça, do Congresso Nacional e de um homem de meia-idade, aparentemente rico mas sem muita instrução, infere essa última autorizada pela presença da expressão verbal por ele utilizada: “Moça, quanto é o ‘pograma’?”. Da relação entre os modos verbal e imagético, identificamos a metáfora multimodal A JUSTIÇA BRASILEIRA É UMA PROSTITUTA. Nesse caso, o domínio-fonte,

PROSTITUTA, constitui-se a partir da expressão verbal já destacada e o domínio-alvo, JUSTIÇA BRASILEIRA, a partir da imagem do símbolo da justiça, devidamente caricaturado como uma prostituta de luxo, e da imagem do Congresso Nacional. A metáfora multimodal em questão emerge do contexto cultural presente na realidade política e judiciária do Brasil, em que é comum o favorecimento dos segmentos sociais mais abastados, através da compra de sentenças e subornos aos servidores do poder judiciário do Brasil, divulgados a todo momento no país. O teor cômico-irônico dessa charge, assim como nas demais analisadas, fica bastante evidenciado a partir da identificação e descrição das metáforas multimodais.



Charge 5

Fonte: (<http://in-justicabrasileira.blogspot.com.br/2011/07/charge-justica-mas-essa-e-das-caras.html>. Acesso em 29 nov 2014)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, com base em Forceville (2007, 2009), abordamos a metáfora multimodal na construção do gênero charge. Tal objeto de estudo mostra-se tão profícuo quando a metáfora monomodal, que tem sido muito explorada nos estudos cognitivos da metáfora, principalmente do modo verbal.

Ressaltamos que o estudo de metáforas multimodais em gêneros também multimodais pode facilitar o processo de produção de sentidos do texto, além de colocar a imagem como elemento integrante do texto e não apenas como um acessório, um complemento ao verbal. Desse modo, a partir do exercício de análise empreendido, que não pretendeu ser exaustivo, foi possível evidenciar também o quanto a cognição humana, a partir das experiências corpóreas e das manifestações sociais e culturais, é responsável por produzir novos significados através dos diversos modos semióticos materializados em nossas práticas comunicativas.

Ademais, não podemos desconsiderar que as metáforas multimodais que licenciam a construção dos sentidos das charges analisadas emergem num dado contexto político e social, passível de sofrer críticas contundentes, porém feitas com humor refinado, como é próprio do referido gênero do discurso.

REFERÊNCIAS

- BERBER SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- COSTA LIMA, Paula Lenz. Metáforas e linguagem. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Produção de Sentido: relações transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul, EDUCS, 2003.
- COSTA LIMA, Paula Lenz; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e Metáfora: A Teoria da Metáfora Conceptual. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto. *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul – RS: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- FERREIRA, Ana Paula. *As metáforas do Amor em Revistas para Adolescentes*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/574-583.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2012.
- FLÔRES, Onici. *A leitura da charge*. Canoas: Editora da Ulbra, 2002.
- FORCEVILLE, Charles. Multimodal Metaphor in Ten Dutch TV Commercials. *The Public Journal of Semiotics*, v.1, n. 1, Jan. 2007, p. 15-34.
- FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivista framework: agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URION-APARISI. *Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- FLÔRES, Onici. *A leitura da charge*. Canoas: Editora da Ulbra, 2002.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, Andrew (ed.). *Metaphor and thought*. 2. ed. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.
- NASCIMENTO, Natália Andrade do. *O Gênero Textual Charge como instrumento facilitador nas aulas de Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://unieducar.org.br/artigos/ARTIGO%20final%201%282%29.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2014.
- PORTELLA, Cláudio. *Patativa do Assaré: seleção*. Global Editora, 2006, p. 223-229.
- SILVA, Carla Letuza Moreira e. *O trabalho com charges na sala de aula*. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/irati/arquivos/File/BIOLOGIA/charges_sala-de-aula.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2014.
- SPERANDIO, Natália Elvira. O verbal e o imagético na construção de metáforas multimodais. *Cadernos de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, n. 44, p. 295-306, 2012.